

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
Pós-Graduação EaD - *In Company*
Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade

PEDRO RISAFFI

EDUCAÇÃO JESUÍTA PARA A CIDADANIA GLOBAL

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em EDUCAÇÃO, pelo Curso de Especialização em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Fernando Guidini

São Leopoldo

2019

EDUCAÇÃO JESUÍTA PARA A CIDADANIA GLOBAL

JESUIT EDUCATION FOR GLOBAL CITIZENSHIP

Pedro Risaffi*

Resumo: O presente artigo discute a promoção de uma Educação para a Cidadania Global (ECG) no Apostolado Educativo da Companhia de Jesus, respondendo às seguintes questões: *Por que devemos promover uma educação para a cidadania global? Quais as características de um cidadão global inaciano? Como promover a educação para a cidadania global em um colégio da Companhia de Jesus?* Para atingir este fim, apresenta-se alguns desafios que a humanidade enfrenta no século XXI, a partir da análise bibliográfica de Harari (2015), Cortina (1997), Bauman (2016), Siqueira (2016) e Sosa (2017). Então, discute-se porque a ECG faz-se necessária, examinando Reimers (2015) e os objetivos da ONU. Em seguida, é feita uma releitura de alguns dos documentos e discursos que definem a proposta educativa jesuíta, a fim de traçar o perfil do cidadão global inaciano, que as escolas e colégios jesuítos desejam formar. Por fim, são apresentados passos para o desenvolvimento e implementação de um programa de formação em cidadania global nas instituições educativas da Companhia de Jesus. O estudo contribui com reflexões sobre a Educação para a Cidadania Global no contexto educacional jesuítico, ao caracterizar este cidadão global inaciano e ao propor ações pedagógicas de implementação em nível local, regional e global.

Palavras-chave: Cidadania Global. Educação Jesuíta. Pedagogia Inaciana.

Abstract: The aim of the present study is to discuss the promotion of Global Citizenship Education (GCE) in the Educational Apostolate of the Society of Jesus, by answering the following questions: *Why should we promote education for global citizenship? What are the characteristics of the Ignatian global citizen? How can we promote global citizenship education at the Jesuit schools?* In order to explore these issues, this research will first present some of the challenges which humanity has faced in the 21st century based on the bibliographical analysis of Harari (2015), Cortina (1997), Bauman (2016), Siqueira (2016), and Sosa (2017). It will then consider the relevance of GCE, by examining Reimers (2015) and the UN objectives. Next, this paper will analyse some of the documents and speeches which define the Jesuit educational proposal, in order to outline the desired profile of the Ignatian global citizen at Jesuit schools and colleges. Finally, the article will offer suggested procedures for the organization and implementation of a Global Citizenship Development Program in the educational institutions of the Society of Jesus. This study intends to promote discussion on Global Citizenship Education in the Jesuit educational context, by distinguishing the Ignatian global citizen and proposing pedagogical actions at local, regional and global levels.

Keywords: Global Citizenship. Jesuit Education. Ignatian Pedagogy

* Secretário Executivo da Rede Jesuíta de Educação Básica do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 POR QUE EDUCAR PARA A CIDADANIA GLOBAL NO SÉC XXI?	8
3 O CIDADÃO GLOBAL INACIANO.....	14
4 COMO PROMOVER UMA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL NOS COLÉGIOS E ESCOLAS DA COMPANHIA DE JESUS?	19
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

O que nos torna humanos? Ao longo de três anos, o fotógrafo francês Yann Arthus-Bertrand realizou 2000 entrevistas com pessoas de 60 países buscando uma resposta a esta pergunta. O resultado desse trabalho é o documentário *Human*, disponibilizado gratuitamente no Youtube, em 2015. Yann colocou em diálogo indivíduos que narraram suas experiências de humanidade: de amor, de felicidade e de sofrimento, a partir dos contextos culturais, sociais e econômicos mais diversos; para, nesse diálogo babélico, encontrar o elemento humano que não nos poderia ser estranho.

Uma das entrevistas que mais teve repercussão nas redes sociais foi a do então presidente uruguaio José Mujica, que critica duramente a cultura consumista instaurada e destaca como o egoísmo impede a humanidade de trabalhar em conjunto para superar as crises planetárias, que, segundo ele, são em sua essência políticas. Para Mujica (2015), “o homem talvez seja o único animal capaz de se autodestruir”.

No mesmo ano de 2015, o historiador israelense Yuval Harari, no seu livro *Homo Deus*, apresentou a incômoda tese de que estamos no minguante da era do *Homo sapiens*. Com os avanços da biotecnologia e da engenharia cibernética, criaremos uma nova espécie de super-humanos que irá subjugar o *Homo sapiens* atual.

Para desenvolver seu argumento, Harari faz uma retomada histórica destacando acontecimentos que definiram nossa sociedade, em especial, as revoluções cognitiva, industrial e humanista, além de discutir o papel das religiões, da ciência, das guerras e do pensamento liberal, tentando definir o que nos tornou (e, por enquanto, ainda nos torna) humanos. Segundo o historiador, “o fator crucial de nossa conquista do mundo foi nossa capacidade de conectar muitos humanos uns com os outros (...) O *Homo sapiens* é a única espécie da terra capaz de uma cooperação flexível e em grande escala”. (HARARI, 2015, p.138). Harari analisa que essa cooperação só foi e é possível através das crenças intersubjetivas que compartilhamos, ou seja, das ficções que criamos, acreditamos e defendemos. “O dinheiro, por exemplo, não tem um valor objetivo. Não se pode comer, beber ou vestir uma nota de um dólar. Porém, como bilhões de pessoas acreditam que ele tem valor, pode-se usá-lo para comprar alimentos, bebidas e roupas”. (HARARI, 2015, p.150).

Tal como o dinheiro, somos rodeados por uma série de entidades intersubjetivas que nos definem como humanos: nossas crenças religiosas, nossos valores éticos e políticos, nossos Estados etc, e é isso que dá sentido e significado à nossa existência.

Ao longo da história percebemos que a cooperação entre os seres humanos foi se tornando mais sólida e ampla a partir da universalização de suas realidades intersubjetivas, ou seja, grupos cada vez maiores compartilhando crenças comuns. Sob o ponto de vista das Ciências Sociológicas, o surgimento dos Estados-nação foi um marco decisivo nesse processo, e até hoje é um importante garantidor dos direitos mínimos de cidadania e vida em comunidade.

Nas origens da concepção do Estado, este se apresenta necessário em princípio ao menos sob quatro perspectivas: 1) como garantia da paz, que é o interesse comum aos indivíduos imersos em um estado de guerra (Hobbes); 2) como agência protetora, que evita que cada indivíduo se encarregue da justiça (Locke-Nozick); 3) como expressão da vontade geral, que exige o abandono da liberdade natural, mas concebe a liberdade civil (Rousseau); 4) como avalista da liberdade externa, sem a qual é impossível a realização da liberdade transcendental (Kant). (CORTINA, 1997, p.45).

Entretanto, o que percebemos nos últimos anos é um significativo enfraquecimento do Estado como instituição. Há uma descrença generalizada nos governantes e na sua capacidade (e vontade política) de resolver os problemas hodiernos; e, pior que isso, há uma percepção de que o Estado já não consegue garantir o mínimo para o qual foi idealizado. Em outras palavras, “quando sofremos, ou somos expostos por um governo às mesmas misérias que poderíamos esperar de um país sem governo, nossa calamidade é ampliada pela reflexão de que nós mesmos suprimos os meios pelos quais sofremos”. (PAINE, 1776, p.5 apud BAUMAN; MAURO, 2016, p.14).

Hoje, depois de uma longa história de sucesso regional, o Estado-nação está nos decepcionando na escala global. Ele foi a receita política perfeita para a liberdade e a independência de povos e nações autônomos. Ele é terminantemente inadequado para interdependência. (BARBER, 2013, p.7 apud BAUMAN; MAURO, 2016, p.23).

Deve ser motivo de preocupação ver o enfraquecimento de um agente intersubjetivo tão importante não só para cooperação entre humanos, como para nossa própria definição de humanidade. “A alergia ao governo que o cidadão decepcionado está sofrendo confunde e questiona conceitos fundamentais da filosofia

política moderna; (...) até chegar ao estágio final, (...) uma alergia à própria democracia”. (BAUMAN; MAURO, 2016, p.18). Dessa maneira, assim como a crença em antigas divindades que controlavam as forças da natureza foram desacreditadas, não é impossível que a crença no Estado de direito e na democracia também sejam desacreditadas no futuro.

Por outro lado, é interessante perceber que o próprio processo de ampliação da colaboração entre humanos em nível mundial – a globalização – seja apontado como um dos principais fatores de enfraquecimento dos Estados-nação. Poderíamos, assim, deduzir que a intensificação de um dos aspectos que nos faz humanos – a capacidade de colaboração em grande escala por meio de uma crença universal – gradualmente altera a concepção atual de humanidade.

As novas tecnologias de comunicação e a intensificação do processo de globalização têm conectado todos os humanos em uma única comunidade global, “de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”. (GIDDENS, 1991, p.76). Como vimos, isso acarretará no surgimento de uma nova identidade para o ser humano e na atualização de algumas crenças intersubjetivas, em vista de uma melhor colaboração planetária para encerrar os desafios do século XXI.

Na ocasião do 1º Congresso Internacional de Delegados de Educação Secundária da Companhia de Jesus – JESEDU – ocorrido em outubro de 2017, no Rio de Janeiro, o atual Superior Geral da Ordem, P. Arturo Sosa, realizou um discurso reforçando e atualizando o compromisso educativo missionário da Companhia no mundo. O Padre Geral reafirmou os traços identitários da tradição educacional jesuíta, analisou as principais crises e desafios contemporâneos e destacou quais respostas efetivas a educação jesuíta deveria dar ao contexto atual.

Um dos pontos discutidos por Sosa foi a respeito dos impactos da globalização:

Mais do que antes, somos conscientes de ser uma única comunidade humana, de compartilhar o mesmo planeta e de ter um destino comum. Talvez, apesar de experimentarmos o fenômeno da globalização em muitos detalhes da vida cotidiana, somos menos conscientes das muitas, profundas e importantes mudanças que se produzem nas culturas e nas relações intergeracionais. (SOSA, 2017, p.6).

Para Sosa (2017, p.8 e 9), o papel da educação Jesuíta neste contexto é colaborar no “serviço da reconciliação e da justiça”, sem perder de vista que “o propósito da nossa educação é a formação da pessoa para que dê sentido à sua vida

e com ela contribua para o bem comum, em seu contexto, de sua sociedade e do planeta”. Na sequência, ele destaca a oportunidade particular que tem o apostolado educativo da Companhia de Jesus por seu caráter global: “Nossa presença em tantos lugares e culturas do mundo nos permite criar e apresentar propostas de formação para uma visão intercultural do mundo, na qual todos os seres humanos são possuidores de uma cidadania global”. (SOSA, 2017, p.13).

A ênfase que o Padre Geral dá na oferta de uma educação que dê sentido à vida do estudante e que promova a reconciliação, numa perspectiva intercultural, é extremamente oportuna nesse momento de ressignificação da nossa concepção de humanidade e enfraquecimento de instituições intersubjetivas.

Por fim, retomando a tese de Harari, os humanos foram exitosos no século XX em superar a fome, a peste e a guerra.

Pela primeira vez na história hoje morrem mais pessoas que comeram demais do que de menos; mais pessoas morrem de velhice do que de doenças infecciosas; e mais pessoas cometem suicídio do que todas as que, somadas, são mortas por soldados, terroristas e criminosos. (HARARI 2015, p12).

Apesar da visão otimista sobre essas conquistas da humanidade, ele pondera, naturalmente, que esses problemas não estão solucionados. Harari argumenta, corroborando com a opinião de Mujica, que “não ocorrem mais surtos de fome por causas naturais; há apenas fomes políticas”. (HARARI, 2015, p.14). A questão central desenvolvida ao longo do livro é: “Depois de assegurar níveis sem precedentes de prosperidade, saúde e harmonia(...), as próximas metas da humanidade serão provavelmente a imortalidade, a felicidade e a divindade”. (HARARI, 2015, p. 30).

Partindo da análise e problemática inicialmente apresentada, o objetivo deste trabalho será discutir a Educação para a Cidadania Global (ECG) na perspectiva do carisma inaciano, próprio das escolas e colégios da Companhia de Jesus. Para atingir esse objetivo, serão discutidas três questões-chave: 1) Por que devemos promover uma educação para a cidadania global? 2) Quais as características de um cidadão global inaciano? 3) Como promover a educação para a cidadania global em um colégio da Companhia de Jesus?

2 POR QUE EDUCAR PARA A CIDADANIA GLOBAL NO SÉC XXI?

A educação é muito mais do que entrar no mercado de trabalho. Ela tem o poder de moldar um futuro sustentável e um mundo melhor. As políticas educacionais devem promover a paz, o respeito mútuo e o cuidado ao meio ambiente (Ki-moon, 2012). (REIMERS, 2017, p.33).

Discutimos anteriormente, conforme a tese do historiador Yuval Harari em seu livro *Homo Deus*, que a humanidade atingiu níveis sem precedentes de prosperidade no que tange à superação potencial da fome, das pestes e da guerra. Entretanto, isso não significa que esses males estejam erradicados. Essa suposta prosperidade global não minimiza “o sofrimento de milhões de seres humanos assolados pela pobreza; dos milhões que sucumbem todo ano à malária, à aids e à tuberculose; ou dos milhões enredados na armadilha de violentos círculos viciosos na Síria, no Congo ou no Afeganistão”. (HARARI, 2015, p.28). A mensagem que Harari quer passar, reconhecendo as conquistas do século XX, é que temos a capacidade de reduzir ainda mais esses sofrimentos. No passado, a humanidade se sentia impotente diante da fome e da peste, e as pessoas rezavam para divindades em busca de milagres. Hoje, devemos ser conscientes de que a responsabilidade diante dos desafios do século XXI está em nossas mãos.

Os grandes desafios do século XXI serão de natureza global. O que acontecerá quando a mudança climática provocar catástrofes ecológicas? O que acontecerá quando computadores sobrepujarem os humanos em uma quantidade cada vez maior de tarefas, e os substituírem em um número cada vez maior de empregos? O que vai acontecer quando a biotecnologia nos permitir aprimorar os humanos e estender a duração da vida? Sem dúvida teremos enormes discussões e conflitos amargos quanto a essas questões. (HARARI, 2018, cap.6).

O progresso que a humanidade alcançou ao longo do século XX, se deve, em grande parte, aos avanços tecnológicos possibilitados pelo enorme crescimento econômico vivenciado. Isso nos provê energia elétrica, alimentos, medicina e bens de consumo. Só que esse crescimento econômico exponencial do qual estamos reféns para a manutenção da prosperidade global, afeta o equilíbrio ecológico do planeta; e este talvez seja o desafio mais iminente que a humanidade terá que enfrentar.

Em 2015, o Papa Francisco lançou a Encíclica *Laudato Si: sobre o cuidado da Casa Comum*, fazendo uma profunda crítica ao atual modelo econômico: “o ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou as possibilidades do planeta, tornando este estilo de vida insustentável”. (SIQUEIRA, 2016, p.40). O Papa

defende que “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental”. (Laudato Si, n.139).

Há algumas críticas à sociedade feitas na Encíclica que valem ser destacadas. Em primeiro lugar, como já mencionado, a visão consumista do ser humano, potencializada pela globalização, além de destruir os recursos do planeta, “tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade”. (SIQUEIRA, 2016, p.40).

Em segundo lugar, o Pontífice critica a cultura do descarte, tanto relacionada aos bens de consumo como aos humanos excluídos. Nesse mesmo aspecto, Harari (2018, cap.1) defende que “talvez no século XXI as revoltas populares sejam dirigidas não contra uma elite econômica que explora as pessoas, mas contra a elite econômica que já não mais precisa delas”. Ou seja, a luta não será contra a exploração, mas contra a irrelevância. “O mundo dos excluídos cresce diante dos nossos olhos diariamente, pessoas que não são capazes de permanecer na sociedade ativa flutuam às suas margens ou têm o sentimento de terem sido expulsas, descartadas”. (BAUMAN; MAURO, 2016, p.47).

Uma terceira crítica que também deve ser frisada está relacionada aos “efeitos sociais e ambientais das mudanças climáticas” (SIQUEIRA, 2016, p.40), com os quais ainda há muita indiferença apesar das tragédias que têm acontecido em muitas partes do mundo.

Outra questão relevante é a problemática da água: a escassez em muitos países, a má qualidade da água disponível aos pobres e a tendência de privatização deste recurso comum, “tornando-a uma mercadoria sujeita às leis do mercado”. (SIQUEIRA, 2016, p.41).

Por fim, destaco, a partir da análise de Siqueira (2016, p.43): a crítica ao antropocentrismo fechado sobre si mesmo, a ineficácia das discussões políticas a fim de buscar acordos globais, e o paradigma tecnocrático, ou seja, o processo de especialização e fragmentação dos saberes que dificulta um olhar holístico da realidade para perceber as relações existentes entre as coisas.

Correlatos aos desafios socioambientais apresentados pelo Papa Francisco, podemos ainda elencar, voltando a citar Sosa (2017, p.5), a situação em que vivem as milhões de pessoas em condição de migrantes e refugiados, o incremento da polarização e do conflito, a expansão do ódio e das *fake news* pelas redes sociais e a debilitação da política como busca do bem comum, que tem tornado possível que

líderes populistas cheguem ao poder explorando o medo e o ódio com sedutoras propostas irreais.

Assim como ao longo da história o Homo sapiens foi construindo coletividades para confrontar os desafios que não poderia resolver em grupos menores, os desafios globais só podem ser resolvidos através de uma colaboração internacional. O que preocupa no momento são os movimentos antiglobalistas que ganham força em alguns países. Diante das crises globais, alguns líderes e segmentos da população agarram-se aos seus nacionalismos com a falsa ideia de que fechando as fronteiras, construindo muros ou abandonando tratados internacionais, deixarão o problema na casa do vizinho.

Entretanto, segundo Harari (2018, cap. 7), o isolacionismo nacionalista é perigoso, por exemplo, no contexto de mudança climática. As causas e efeitos do aquecimento global não respeitam fronteiras, a atuação irresponsável de um país impacta a todos os demais. “Por isso, educar numa cidadania que não seja só local, mas universal, exige romper as barreiras do localismo provinciano e aprender a apreciar que somos pessoas e nada do que é pessoal pode ser-nos alheio sem grande perda”. (CORTINA, 1997. P.193).

Dessa maneira, considerando os desafios discutidos até então, educar para a cidadania global no século XXI se faz importante por uma série de motivos.

Em primeiro lugar, para a manutenção e promoção da paz global. Esta, na verdade, chega a ser uma condição *sine qua non* para a existência humana, afinal, uma nova guerra mundial movida por armamentos nucleares levaria à completa extinção da raça humana. Após a segunda Guerra Mundial e o medo gerado com a possibilidade de um conflito nuclear,

a Organização das Nações Unidas (ONU) nasceu da esperança de plantar sementes de paz e cooperação entre os países e de unir a humanidade por uma causa comum. As pessoas que lideraram sua criação expressaram o desejo de um novo tipo de cidadão – um cidadão global – capaz de equilibrar interesses pessoais e de nação com necessidades e práticas de uma ordem mundial global. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) cristalizou, no preâmbulo de sua constituição, a ideia de que a paz e a estabilidade são asseguradas não apenas pelos tratados e por influência militar, mas também e principalmente pelas atitudes e crenças dos indivíduos: ‘Uma vez que as guerras começam na mente dos homens, é na mente dos homens que as defesas da paz devem ser construídas’ (Unesco, 2012). (REIMERS, 2017, p. 32).

Três anos após a criação da ONU, foi adotada pela sua Assembleia Geral a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), que em 2018 completou 70

anos. Embora a DUDH não tenha uma obrigatoriedade legal, por não ser um tratado, “talvez seja o que há de mais próximo que temos de uma Constituição global”. (HARARI, 2016, p.31). Dos trinta artigos que constituem a Declaração, quero chamar atenção para o artigo 26, que ao se referir ao direito à educação, afirma em seu parágrafo segundo que “a instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz”. (ONU, 1948).

De forma similar, em 2015, durante a Cúpula das Nações Unidas ocorrida na sede da ONU, em Nova York, foram assumidos os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). São eles:

- Objetivo 1 Erradicar a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.
- Objetivo 2 Erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável.
- Objetivo 3 Garantir uma vida saudável e promover o bem-estar de todos em todas as idades.
- Objetivo 4 Garantir uma educação de qualidade inclusiva e igualitária e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
- Objetivo 5 Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.
- Objetivo 6 Garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água, bem como saneamento básico para todos.
- Objetivo 7 Garantir a todos o acesso à energia acessível, confiável, sustentável e moderna.
- Objetivo 8 Promover crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo; e trabalho decente para todos.
- Objetivo 9 Construir infraestruturas resilientes, promover industrialização inclusiva e sustentável e estimular a inovação.
- Objetivo 10 Reduzir a desigualdade dentro e entre os países.
- Objetivo 11 Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.
- Objetivo 12 Garantir padrões sustentáveis de consumo e produção.
- Objetivo 13 Adotar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e seus impactos.
- Objetivo 14 Conservar e utilizar de forma sustentável os oceanos, mares e recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.
- Objetivo 15 Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres; gerir as florestas de forma sustentável; combater a desertificação; deter e reverter a degradação da terra; e deter a perda de biodiversidade.
- Objetivo 16 Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável; proporcionar acesso à justiça para todos; e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.
- Objetivo 17 Reforçar os meios de implementação e revitalizar a Parceria Global para o Desenvolvimento Sustentável. (ONU, 2015).

Para atingir esses objetivos será necessária uma cooperação efetiva entre governos, instituições internacionais, ONGs, iniciativa privada etc. Atitudes

nacionalistas e antiglobalistas, como já discutimos anteriormente, enfraquecem acordos internacionais como a DUDH e os ODS. Neste aspecto, a educação para a cidadania global favorece a manutenção de acordos globais e conscientiza as pessoas sobre como colaborar no seu dia-a-dia para a superação dos desafios do planeta. Trata-se de formar, educar uma cultura – labor que abarca gerações, com resultados em médio e longo prazos.

Outro motivo que justifica a ECG é a própria inclusão dos jovens no mercado de trabalho. Segundo Reimers (2017, p.36), as empresas estão cada vez mais envolvidas em cadeias de produção, distribuição e clientela multinacionais. Por isso, é esperado dos profissionais no século XXI, além das habilidades técnicas, competências interpessoais, interculturais e a abertura ao diálogo com pessoas de diferentes culturas; deseje você ser um funcionário ou empreendedor.

Reconhecendo a importância das competências globais neste século, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) está planejando adicionar às avaliações regulares de conhecimentos e habilidades dos alunos a avaliação das competências globais. (REIMERS, 2017, p.37).

Podemos resumir os motivos que justificam a educação para a cidadania global, e que foram discutidos até então, neste trecho de Reimers (2017, p.17):

A educação para a cidadania global é essencial para a criação de um mundo com paz sustentável – um mundo sem pobreza ou fome e onde todos têm acesso à saúde e à educação. Um mundo onde mulheres e homens têm as mesmas oportunidades, contam com água limpa e saneamento, usam fontes renováveis de energia, trabalham em bons empregos e vislumbram crescimento e prosperidade criados pela indústria e pela inovação. Um mundo onde reduzimos as desigualdades, criamos cidades e comunidades sustentáveis, praticamos o consumo responsável e abolimos comportamentos que alteram o clima ou prejudicam a vida neste planeta.

Por fim, destaco o aspecto que abarca e sintetiza todos os motivos que justificam uma educação para a cidadania global no século XXI: a formação de indivíduos imbuídos de uma ética intercultural e comprometidos com valores universais.

Segundo Cortina (1997, p.144),

uma ética intercultural não se contenta em assimilar as culturas relegadas à vencedora, nem tão pouco uma coexistência das culturas, mas convida a um diálogo entre as culturas, de forma que respeitem suas diferenças e esclareçam conjuntamente o que consideram irrenunciável para construir, a partir de todas elas uma convivência mais justa e mais feliz.

A autora defende ainda que “uma vida sem valores carece de humanidade, por isso, os universalizaríamos, ou seja, estaríamos dispostos a defender que qualquer pessoa deveria tentar realizá-los, caso não quisesse perder em humanidade” (CORTINA, 1997, p.178); e completa, por sua conta e risco, que desses valores se destacariam: “a liberdade, a justiça, a solidariedade, a honestidade, a tolerância ativa¹, a disponibilidade para o diálogo, o respeito pela humanidade nas outras pessoas e na própria”. (CORTINA 1997, p.177).

É interessante voltar a mencionar aqui o discurso do P. Sosa no Congresso JESEDU, pois reforça a mesma tese de Cortina, em especial quando motiva o Apostolado Educativo da Companhia de Jesus a

trabalharmos juntos, em colaboração no serviço da reconciliação e da justiça, que só serão possíveis num mundo concebido interculturalmente, (...). Estou convencido de que a educação da Companhia, e em particular os nossos colégios, podem renovar-se profundamente nesta direção. (SOSA, 2017, p.8).

Ao longo deste tópico discutimos os desafios que enfrentamos no século XXI e por que se faz necessária uma educação que forme para a cidadania global. Agora, enfocando no contexto da Educação Jesuíta, discutiremos as características de um cidadão global e inaciano.

¹ Segundo a autora, a tolerância ativa ou “respeito ativo consiste não só em suportar estoicamente que outros pensem de forma diferente, tenham ideais de vida feliz diferentes dos meus, mas no interesse positivo em compreender seus projetos, em ajudá-los a levá-los adiante, desde que representem um ponto de vista moral respeitável”. (CORTINA, 1997, p.189).

3 O CIDADÃO GLOBAL INACIANO

para [os Jesuítas da] Companhia de Jesus, o mundo inteiro se tornará nossa casa; e assim será com a graça divina. (NADAL, 1561 apud O'MALLEY, 1984, p.7, tradução nossa).

Desde a sua fundação, a Companhia de Jesus sempre teve uma perspectiva de atuação apostólica global e universalista. A frase destacada acima é atribuída ao P. Jerônimo Nadal, proclamada em uma exortação de 1561, em Alcalá, na Espanha, ao apresentar a visão de Santo Inácio sobre a vida dos jesuítas. A própria história dos primeiros Jesuítas revela esse instinto global, pois estes, movidos pela constante busca do *magis* – o bem mais universal – se espalharam rapidamente pelo mundo, ainda nos primeiros anos da Ordem. Também vale destacar a significativa presença que os Jesuítas tiveram no período das Grandes Navegações e na colonização europeia das Américas, Ásia e África; em especial, por levaram seus métodos pedagógicos e catequéticos aos novos continentes e ali fundaram instituições educativas.

Dando um salto ao século XX, em sua alocução de 1980, *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*, o 28º Prepósito Geral dos Jesuítas, P. Pedro Arrupe, definiu que “estamos para educar a todos, sem distinção. Não pode ser de outra maneira, já que o apostolado educativo, como todo o apostolado da Companhia, leva a indelével marca inaciana da universalidade”. (ARRUPE, 1980, n.7).

Conforme nos relata Klein (1997, p.7):

P. Pedro Arrupe adotou com entusiasmo as orientações educativas do Concílio, da 31ª Congregação Geral e do Sínodo dos Bispos, de 1971, sobre a Justiça no Mundo, urgindo os jesuítas à urgente e profunda renovação do seu apostolado educativo de acordo com as aceleradas mudanças do mundo.

Um importante marco desse processo foi o lançamento em 1986 do documento *Características da Educação da Companhia de Jesus*, tendo como principal novidade apontar para “a finalidade, a composição, a configuração, o funcionamento e o âmbito do colégio jesuíta precedidas sempre de uma ‘declaração’ decorrente das fontes inacianas”. (KLEIN, 1997, p.9). Em outras palavras, o documento deu uma significativa contribuição ao organizar e sintetizar, a partir dos Exercícios Espirituais, o que faz um colégio ser inaciano e que tipo de ser humano esse colégio inaciano deve formar.

Para aprofundar nesse debate identitário, serão citados abaixo dois trechos do documento que definem com precisão esse indivíduo que os colégios jesuítas desejam formar.

A meta da educação jesuíta é agora descrita como a formação de **agentes multiplicadores** e de **homens e mulheres para os outros**. (Características, 1986 nº.7d, grifo nosso).

A meta da **fé que promove a justiça e trabalha pela paz** é um novo tipo de pessoa e de sociedade, na qual cada indivíduo tem a oportunidade de **ser plenamente humano** e cada um aceita a responsabilidade de promover o desenvolvimento humano dos demais. (Ibid. nº.76, grifo nosso).

Sete anos após o lançamento de *Características*, o Superior Geral da Companhia de Jesus, P. Kolvenbach, promulga em 1993, um novo documento que traz uma abordagem mais prática e metodológica para as diretrizes expostas no documento de 86. Segundo Klein (1997, p.10), o documento *Pedagogia Inaciana, uma proposta prática* se inspirou na Congregação Geral 33^a para propor o Paradigma Pedagógico Inaciano, com cinco dimensões: *contextualização, experiência, reflexão, ação e avaliação*. O documento reafirma algumas diretrizes identitárias presentes em *Caraterísticas* e aprofunda algumas concepções, das quais destaco:

O objetivo supremo da educação jesuíta é, antes, o desenvolvimento global da pessoa, que **conduz à ação**, ação inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo, filho de Deus e Homem para os outros. (Pedagogia Inaciana, nº12, grifo nosso).

pretendemos formar **líderes no serviço** e imitação de Cristo Jesus, homens e mulheres **competentes, conscientes e comprometidos na compaixão**. (Ibid., nº13, grifo nosso).

homens e mulheres que estejam preparados para **acolher e promover tudo que for realmente humano**, comprometidos no trabalho em **favor da liberdade** e dignidade dos povos, e decididos a agir assim, em cooperação com outros igualmente **empenhados em modificar a sociedade e suas estruturas**. (Ibid., nº 17, grifo nosso).

No ano 2000, o P. Kolvenbach fez um importante discurso a respeito do compromisso da educação jesuíta na promoção da justiça, já atualizado ao contexto do intenso processo de globalização que marca o início do século XXI.

Neste mundo globalizado e emergente, com suas imensas possibilidades e suas profundas contradições, entende-se a pessoa completa de forma diferente de como se entendia na Conta-Reforma, na revolução industrial ou

no século XX. A pessoa completa do amanhã deve ter, em síntese, uma **solidariedade bem informada**. (...) A implicação pessoal no sofrimento inocente, na injustiça que outros sofrem, é o catalisador para a solidariedade que abre o caminho para a busca intelectual e a reflexão moral. (KOLVENBACH, 2000, nº40).

O Apostolado Educativo da Companhia de Jesus tem realizado nos anos recentes um significativo movimento de reflexão e renovação de sua missão educativa no mundo. O processo foi iniciado em 2012, em Boston, com o Colóquio Internacional da Educação Secundária Jesuíta, que reuniu diretores gerais de escolas e colégios jesuítas de todo o planeta. Em 2014, um grupo menor de especialistas foi convidado para o Seminário Internacional sobre Pedagogia e Espiritualidade Inacianas, ocorrido em Manresa, onde se aprofundou particularmente sobre quatro dimensões: competência, consciência, comprometimento e compaixão.

Esses quatro qualificadores expressam a excelência humana que a Companhia de Jesus quer para os jovens que nos são confiados pela sociedade:

Conscientes, além de conhecerem a si mesmos, graças ao desenvolvimento de sua capacidade de interiorização e ao cultivo da vida espiritual, têm um consistente conhecimento e experiência da sociedade e de seus desequilíbrios.

Competentes, profissionalmente falando, têm uma formação acadêmica que lhes permite conhecer, com rigor os avanços da ciência e da tecnologia.

Compassivos, são capazes de abrir seu coração para serem solidários e assumirem o sofrimento que outros vivem.

Comprometidos, sendo compassivos, empenham-se honestamente e desde a fé, e com meios pacíficos, na transformação social e política de seus países e das estruturas sociais para alcançar a justiça. (NICOLÁS, 2013, p.5, tradução nossa)

Retomando o discurso do atual Superior Geral da Companhia, P. Arturo Sosa, realizado no Congresso JESEDU de 2017, que concluiu esse ciclo de discussões sobre a educação secundária jesuíta no mundo, há dois aspectos que se somam à definição deste cidadão inaciano global. Em primeiro lugar, como já foi discutido anteriormente, é importante haver um compromisso com uma ética intercultural. Para o P. Sosa (2017, p.8), “a interculturalidade não é um fim em si mesmo, mas o meio através do qual criamos as condições para viver plenamente a humanidade, contribuindo para a humanização das pessoas, das culturas e dos povos”. O segundo ponto muito enfatizado pelo Padre Geral é o empenho necessário ao serviço de reconciliação, questão muito debatida na 36ª Congregação Geral.

A reconciliação verdadeira pede que a justiça se faça presente. Por isto, a busca da justiça social e a geração de uma **cultura de diálogo** entre as culturas e as religiões, fazem parte deste serviço da reconciliação entre os seres humanos, destes com a criação e da humanidade com Deus. As três dimensões do serviço da reconciliação vão sempre unidas. (SOSA, 2017, p.3, grifo nosso).

Ao longo deste tópico, foram apresentados uma série de valores que caracterizam o cidadão global inaciano. Podemos sumariá-los, dizendo que a Educação Jesuíta pretende formar indivíduos:

- a) que têm o mundo como a sua casa;
- b) que são movidos pelo *magis*, na constante busca por realizar criativamente as suas metas da melhor forma possível e em vista do bem mais universal;
- c) que sejam homens e mulheres para os demais, agentes multiplicadores;
- d) que se tornem líderes no serviço, conscientes, competentes, compassivos e comprometidos;
- e) preparados para acolher e promover tudo que for realmente humano;
- f) que busquem e garantam a liberdade dos povos;
- g) empenhados em modificar a sociedade e suas estruturas;
- h) que se dediquem à ação solidária inspirada pela presença de Jesus Cristo;
- i) que promovam a justiça, a paz e a reconciliação entre os humanos, destes com a criação e com Deus, mediante uma cultura do diálogo;
- j) imbuídos de uma ética intercultural.

Vale aqui, reapresentar uma citação de Adela Cortina, referida no final do segundo tópico, para observar a afinidade entre a concepção de educação humanista da Companhia de Jesus com o que propõe a autora ao destacar alguns valores essenciais para mantermos a nossa humanidade. São eles: “a liberdade, a justiça, a solidariedade, a honestidade, a tolerância ativa, a disponibilidade para o diálogo, o respeito pela humanidade nas outras pessoas e na própria”. (CORTINA 1997, p.177).

Numa tentativa de definir sinteticamente este cidadão global inaciano no século XXI, Sosa o descreve já ao final do seu discurso: “homens e mulheres justos, verdadeiros cidadãos do mundo, capazes de gerar diálogo e reconciliação entre os povos e destes com a criação”. (SOSA, 2017, p.13).

Considerando os discursos e documentos aqui apresentados, podemos sintetizar que, à luz dos valores cristãos, e mediatizado pela proposta pedagógica da Companhia de Jesus, o cidadão global inaciano é um líder no serviço imbuído de uma

ética intercultural. Ele é consciente de si mesmo e dos desequilíbrios da sociedade e do planeta; competente e criativo na busca de soluções para os desafios locais e globais; compassivo em reconhecer a dignidade humana em todos os contextos; e comprometido com a justiça, a paz, a liberdade e a reconciliação entre os humanos e destes com a criação, mediante uma cultura do diálogo e de uma ação solidária.

4 COMO PROMOVER UMA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL NOS COLÉGIOS E ESCOLAS DA COMPANHIA DE JESUS?

Não podemos ir além do relacionamento próximo, mas autônomo, que agora mantemos como instituições, e reimaginar e reorganizar-nos de tal maneira que, neste mundo globalizado, possamos efetivamente abordar a "universalidade" que sempre fez parte da visão que Inácio tinha da Companhia? (NICOLÁS, 2010, p.8, tradução nossa).

Iniciamos este estudo sobre a cidadania global buscando identificar alguns elementos e características que definem os seres humanos. Harari nos apresentou, em sua abordagem histórica, que a capacidade humana de cooperação em grande escala é um dos principais traços que moldaram a sociedade contemporânea.

Em seguida, discutiu-se a partir do enfoque de Cortina, Bauman, Mujica, Giddens, Sosa, da ONU e da Laudato Si, as crises e desafios que hoje a humanidade enfrenta em um mundo interconectado e globalizado; e, na visão de Reimers, porque uma educação para a cidadania global se faz necessária neste contexto.

Após esta análise situacional, fez-se uma releitura de alguns dos principais documentos e discursos que caracterizam a proposta educativa da Companhia de Jesus, a fim de delimitar o perfil do cidadão global inaciano que as escolas e colégios jesuítas desejam formar. Uma vez constatado esse perfil, a pergunta que surge naturalmente é: *como promover esta educação para a cidadania global em uma instituição educativa da Companhia de Jesus?*

Nas primeiras décadas da Companhia, com o crescente número de colégios jesuítas que iam sendo estabelecidos no mundo, sentiu-se a necessidade de desenvolver regras e princípios que regessem tais colégios. Entretanto, assim como na elaboração dos Exercícios Espirituais, Inácio “insistia, porém, que não poderia dar esses princípios até que fosse possível deduzi-los da experiência concreta dos que estavam envolvidos no trabalho educativo”. (Características, nº188). Seguindo esta instrução, após uma série de intercâmbios, reuniões e consultas, foi publicado em 1599 o *Ratio Studiorum*.

Inspirados por esse mesmo modo de proceder, uma estratégia para se elaborar uma proposta de educação para a cidadania global, que tenha a marca inaciana, é a abertura de um canal para o diálogo global sobre o assunto. Em outras palavras, se questionar “como podemos, como rede global, trabalhar juntos um

programa de cidadania global para nossos estudantes?”. (MESA, 2017, p.3, tradução nossa).

Em seu texto de 2017, “Enviados em rede global”, o atual Secretário Mundial para Educação Básica da Companhia de Jesus, P. José Alberto Mesa, indica alguns passos que podem ser dados em nível local, regional e internacional para a construção desse programa de cidadania global.

Mesa (2017, p.5-6) destaca os seguintes passos:

- a) Formar educadores e, especialmente, as equipes diretivas em uma perspectiva global, afinal seu cargo implica na corresponsabilidade com a rede local, regional e global;
- b) Estabelecer um encarregado local para garantir que a escola esteja efetiva e realmente conectada com a rede regional e global;
- c) Aproveitar as ferramentas e canais que temos à disposição para ajudar a construir essa perspectiva de trabalho global, como por exemplo, a plataforma Educate MAGIS²;
- d) Promover inovações pedagógicas desenvolvidas através de um trabalho colaborativo em rede nacional e internacional;
- e) Criar formas inovadoras e colaborativas de capacitar os educadores na missão e identidade jesuítas.

Embora não seja algo recente, uma Educação para a Cidadania Global tem se mostrado cada vez mais necessária diante da interconectividade e interdependência das relações humanas e dos desafios do século XXI. Com essa premissa, essa pesquisa se propôs a traçar o perfil de cidadão global que os colégios e escolas da Companhia de Jesus, a partir de seu carisma e missão, pretendem formar. Além disso, considerando os autores discutidos, constatou-se a urgência na formação de cidadãos globais comprometidos com a busca da paz, da justiça e da dignidade humana universal; aptos à vivência do que é ser humano no século XXI e preparados para superar os desafios que se apresentam.

Nessa perspectiva, o Apostolado Educativo da Companhia de Jesus, com instituições e projetos espalhados por todos os continentes, tem uma grande

² Educate MAGIS é uma plataforma *on-line* lançada em 2015 com o objetivo de conectar educadores de escolas e colégios jesuítas em todo o mundo, possibilitando a troca de experiências e a realização de projetos globais. Mais informações no site: <https://www.educatemagis.org/>

oportunidade para apresentar uma proposta pioneira de Educação para a Cidadania Global, dando um efetivo testemunho de unidade e diálogo intercultural. Para alcançar este fim, faz-se necessário que gestores e educadores mantenham, em seu trabalho local, um olhar atento e comprometido com os movimentos regionais e globais da Companhia de Jesus. Esse compromisso pode ser manifestado em ofertas de capacitação profissional, na atualização das propostas curriculares e nas inovações pedagógicas; garantindo o protagonismo dos estudantes.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUPE, Pedro. **Nossos Colégio Hoje e Amanhã**. Roma, 13 set. 1980.

BARBER, Benjamin. **If Mayors Ruled the World: Dysfunctional Nations. Rising Cities**, New Haven, 2013. In: BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BARREIRO, Álvaro; REMOLINA, Gerardo. **Sobre a tradição educativa e a espiritualidade jesuítas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CARACTERÍSTICAS da educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Ed. Loyola, 1987.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Loyola, 2005 [1997].

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século XXI**. São Paulo: Companhia da Letras, 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia da Letras, 2016 [2015].

IGREJA CATÓLICA. Papa Francisco. **Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da Casa Comum**. Roma, 18 jul. 2015.

KLEIN, Luiz Fernando. **Por uma abordagem histórica da Pedagogia Inaciana**. 31 jul. 1997. Disponível em: <www.pedagogiaignaciana.org/GetFile.ashx?IdDocumento=1566>. Acesso em: 10 fev. 2019.

KOLVENBACH, Peter-Hans. **El servicio de la fe y la promoción de la justicia**. California, 6 out. 2000 In: BARREIRO, Álvaro; REMOLINA, Gerardo. **Sobre a tradição educativa e a espiritualidade jesuítas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

MESA, José Alberto. **Enviados en red global**. Mar. 2017. Disponível em: <pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3502>. Acesso em: 10 fev. 2019.

MUJICA, Jose. **Entrevista com Jose – Uruguai**. Mountain View: Google, 2015. (ca.07 min 02 s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FpfsXQKG8vY>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

NICOLÁS, Adolfo. **Profundidad, Universalidad y Ministerio Intelectual**. México, 23 de abril de 2010. Disponível em: <pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=114>. Acesso em: 10 fev. 2019.

NICOLÁS, Adolfo. **Los Antiguos Alumnos de la Compañía de Jesús y su Responsabilidad Social: la búsqueda de un mejor futuro para la Humanidad. ¿Qué significa ser creyente hoy?** Medellín, 2013. In: SECRETARIADO Educação Secundaria

Companhia de Jesus. **La excelência humana: hombres y mujeres conscientes, competentes, compasivos y comprometidos.** Roma, Fev. 2015.

O'MALLEY, John W. **To travel to any Part of the World: Jerónimo Nadal and the Jesuit Vocation.** Studies in the Spirituality of Jesuits 16, nº 2. Mar. 1984.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Nova York, 10 dez. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.html>. Acesso em: 19 jan. 2019.

ONU. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.** Nova York, 25 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/desenvolvimento-sustentavel-e-meio-ambiente/134-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-ods>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

PAINE, Thomas. **Common Sense.** Londres, 2004 [1776] In: BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. **Babel: entre a incerteza e a esperança.** Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PEDAGOGIA Inaciana. Uma proposta prática. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.

REIMERS, Fernando, et al. **Empoderar crianças e jovens para a cidadania global: fundamento e programa com atividades e referências, da educação infantil ao ensino médio.** Brasil: Editora Moderna, 2017.

SECRETARIADO Educação Secundaria Companhia de Jesus. **La excelência humana: hombres y mujeres conscientes, competentes, compasivos y comprometidos.** Roma, Fev. 2015. Disponível em: <http://www.sjweb.info/education/doc-news/EXCELENCIA_HUMANA_%20ESP.pdf>. Acesso em: 10. Fev 2019.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. **Laudato Si: um presente para o planeta.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

SOSA, Arturo. **A educação da Companhia de Jesus ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus.** Rio de Janeiro, 2017.